

## **A REINVENÇÃO DA RODA: RODA DE CONVERSA: UM INSTRUMENTO METODOLÓGICO POSSÍVEL**

*THE REINVENTION OF THE WHEEL: THE CONVERSATION CIRCLE: A METHODOLOGICALLY POSSIBLE INSTRUMENT*

Adriana Ferro Moura<sup>1</sup>  
Maria Glória Lima<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente estudo pretende discutir a Roda de Conversa como uma possibilidade de instrumento de produção de dados na pesquisa Narrativa, considerando que este tipo de abordagem investigativa busca compreender o sentido que o grupo social oferece ao fenômeno estudado. A conversa é um espaço de formação, de troca de experiências, de confraternização, de desabafo, muda caminhos, forja opiniões, razão por que a Roda de Conversa surge como uma forma de reviver o prazer da troca e de produzir dados ricos em conteúdo e significado para a pesquisa na área de educação. No contexto da Roda de Conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, uma vez que pressupõe um exercício de escuta e fala. As colocações de cada participante são construídas a partir da interação com o outro, sejam para complementar, discordar, sejam para concordar com a fala imediatamente anterior. Conversar, nesta acepção, remete à compreensão de mais profundidade, de mais reflexão, assim como de ponderação, no sentido de melhor percepção, de franco compartilhamento. Assim, o presente trabalho discute a Roda de Conversa, sua proposta, a forma de realização e de análise dos dados. Tem como apoio teórico autores como Warschauer (2001; 2002; 2004), Freire e Shor (1987), Campos (2000), entre outros. Desta forma, a pesquisa conclui que a Roda de conversa, sendo um instrumento de produção de dados que tem como matéria-prima a memória despertada pela a conversa com os pares, favorece os achados científicos.

### **PARA COMEÇO DE CONVERSA**

Cadeiras de espaguete dispostas em círculo, ou em meia lua, no terreiro de uma casa de alpendre alto, as pessoas mais velhas sentadas nas cadeiras, e as mais novas, no chão, a ouvir os "causos" contados, vividos e revividos. Era assim que as histórias iam sendo passadas de geração em geração. Era assim que os vizinhos se conheciam e criavam laços que duravam anos. Era assim que os mais novos forjavam sua cultura, sua identidade, era assim...

O tempo acabou levando com ele esse hábito da conversa fácil e, na era digital, as palavras ouvidas estão dando lugar às palavras lidas em dispositivos móveis, em relações virtuais, mas a saudade da conversa audível permanece...

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Piauí. E-mail: profadrianaferro@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. E-mail: gllorisoares@yahoo.com.br

A conversa, na pesquisa que desenvolvemos, é um espaço de formação, de troca de experiências, de confraternização, de desabafo. Ela muda caminhos, forja opiniões, razão por que, no processo de escolha dos instrumentos de produção de dados da nossa pesquisa de doutoramento, a roda de conversa surgiu como uma possibilidade de reviver o prazer da troca e de produzir dados ricos em conteúdo e significado. Este texto objetiva, entre outras finalidades, contar como tudo aconteceu. Puxe uma cadeira, vamos conversar.

## **PODEMOS CONVERSAR E PESQUISAR?**

A roda de conversa é, no âmbito da pesquisa narrativa, uma forma de produzir dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. É, na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, através de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo.

A roda de conversa como instrumento de trabalho não foi escolhida sem antes nos depararmos com a necessidade de propiciar à nossa pesquisa um caráter de cientificidade, o que implica caracterizá-la como de natureza qualitativa e determinar sua posição como abordagem legítima da busca do conhecimento científico. Essa escolha foi realizada quando nos propusemos a compreender nosso objeto de estudo, posto que esse tipo de pesquisa “[...] é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 26).

A pesquisa qualitativa permite um tipo de discussão teórica e metodológica que é própria das ciências humanas, uma vez que seu campo de atuação, segundo Martins (1989), não é pré-delineado. Abrange, além da vertente educacional e os demais alcances do conhecimento da vida humana, aspectos como linguagem e relações sociais. Isso significa dizer que a denominação qualitativa define-se por adentrar o mundo dos significados das ações e das relações humanas, que não são passíveis de formatar em números e equações, mas que se revestem de critérios de observação e análise, por meio das quais é possível desvendar seus sentidos e suas significações.

Nessa perspectiva, é que escolhemos a vertente narrativa como método de trabalho para desenvolver nossa pesquisa. A narrativa é um recurso que permite a reintrodução “da seta do tempo” (COUTO, 2009, p. 131), apontando espaços e demarcando acontecimentos, em que as personagens definem lugares e suas ações, porque é assim que a história se faz e se conta.

Assim considerada, a dimensão temporal, diferente de guardar sua linearidade, como é habitual, nas considerações que envolvem tempo decorrido, não se mostra unilinear, antes se converte e se presentifica no passado que emerge da realidade (na concepção, no símbolo, inclusive, no próprio tempo). Esses aspectos potencializam a contribuição da narrativa:

Precisamos de narrativas que contribuam para a compreensão amplificada do que é e do que pode ser a realidade social na qual estamos vivendo, escamoteada e tornada invisível a ‘olho nu’ pelas normas e regulamentos da cientificidade moderna, da hierarquia que esta estabelece entre teoria e prática e dos textos produzidos segundo tais ditames (OLIVEIRA; GERALDI, 2010, p. 23).

Trabalhar com narrativas evidencia-se como um estudo em que o pesquisador procura treinar o olhar para compreender as categorias que emergem do discurso dos

sujeitos, no nosso caso, os professores, que são ouvidos ao longo do trabalho. Pela percepção crítica, contextualizada e identificada das diversas nuances que o discurso apresenta, tais como o que a fala esconde e o que ela revela, se atende ou não a expectativa do pesquisador (GHEDIN; FRANCO, 2008).

O sujeito é sempre um narrador em potencial. O fato é que ele não narra sozinho, reproduz vozes, discursos e memórias de outras pessoas, que se associam à sua no processo de rememoração e de socialização, e o discurso narrativo, no caso da roda de conversa, é uma construção coletiva. No contexto da produção de dados, o pesquisador deve compreender que as memórias culturais e individuais estão intimamente ligadas. E como referem Santamarina e Marinas (1995, p. 273),

[...] recolher os relatos ou as histórias de vida não é recolher objetos ou condutas diferentes, mas, sim, participar da elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador. Por isto a História de Vida não é só uma transmissão, mas uma construção da qual participa o próprio investigador [...].

Abrahão (2004), em seus escritos sobre narrativas, descreve-as como elementos que trazem um forte e acentuado tom pessoal, articulado pelo exercício da memória, pela verificação de trajetórias e pela tessitura memorialística, que permitem articular presente, passado e futuro. Elas revelam, não exatamente, “[...] uma vida como de fato foi, lembrada por quem a viveu [...], como diz Benjamin (1996, p. 37), comparando a narrativa com uma forma artesanal e secular de comunicação.

Feitas essas reflexões, chegou o momento de escolher os instrumentos de pesquisa e emergiu a possibilidade de encontrar a narrativa do sujeito no contexto da conversa suave. Então, compreendemos que a roda de conversa é um instrumento de produção de dados que pode produzir relatos recheados de dados, por isso atendeu à necessidade de nossa pesquisa. Começamos a conversar e a pesquisar, evidenciando aspectos representativos da roda de conversa na condição de instrumento de produção de dados narrativos.

## **MAS O QUE É MESMO RODA DE CONVERSA?**

Quando falamos de roda de conversa, a imagem inicial que nos assalta é das conversas informais, familiares, que estão se perdendo no tempo, como os diálogos nascidos ao redor da mesa de jantar ou da mesa da cozinha, enquanto a avó fazia bolo frito para comermos com um café quentinho, espaço de atualização do que tinha ocorrido na família e na comunidade e de partilha de alegrias e tristezas, um momento de abrir a alma e os corações.

É assim também com as rodas de conversa, quando utilizadas como instrumento de pesquisa, uma conversa em um ambiente propício para o diálogo, em que todos possam se sentir à vontade para partilhar e escutar, de modo que o falado, o conversado seja relevante para o grupo e suscite, inclusive, a atenção na escuta. Nas rodas de conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, porque pressupõe um exercício de escuta e de fala, em que se agregam vários interlocutores, e os momentos de escuta são mais numerosos do que os de fala. As colocações de cada participante são construídas por meio da interação com o outro, seja para complementar, discordar, seja para concordar com a fala imediatamente anterior. Conversar, nessa acepção, significa compreender com mais profundidade, refletir mais e ponderar, no sentido de compartilhar, como assim partilha Warschauer (2001, p. 179):

Conversar não só desenvolve a capacidade de argumentação lógica, como, ao propor a presença física do outro, implica as capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, inserir-se na malha da conversa, enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro etc [...].

Assim, compreendemos que as rodas de conversa promovem a ressonância coletiva, a construção e a reconstrução de conceitos e de argumentos através da escuta e do diálogo com os pares e consigo mesmo. E, ao pensar a forma de adotar e conduzir esse instrumento, temos que considerar que o diálogo construído representa o pensar e o falar de “[...] indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e de sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica” (WARSCHAUER, 2002, p. 46).

As Rodas de Conversa consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo. Um dos seus objetivos é de socializar saberes e implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta. A conversa saiu dos alpendres e chegou à escola como uma estratégia de ensino, e como caminho natural, alcançou as pesquisas educacionais. Assim, a roda de conversa não é algo novo, a ousadia é empregá-la como meio de produzir dados para a pesquisa qualitativa. Nesse sentido, Warschauer (2004, p. 2) explica que os “[...] trabalhos comunitários e as iniciativas coletivas, das mais diversas naturezas, se desenvolvem de maneira semelhante há muito tempo.”

A roda de conversa, como proposta desenvolvida em nossa pesquisa, é uma adaptação da proposta de Warschauer (2001, 2002), quando de sua tese de doutoramento, em que propôs uma formação pela experiência através das rodas de educadores e da reflexão e buscou romper com o ciclo de reprodução da concepção de escola e de ensino dos professores. Falamos em adaptação porque nos inspiramos em seus estudos sobre rodas de professores (WARSCHAUER, 2002) e avançamos no sentido de propor o diálogo nascido das interações entre eles, como um instrumento de produção de dados da pesquisa narrativa, em uma caminhada coletiva, em que uns pudessem apreender e refletir com os outros, em um processo de diálogo nascido de histórias de vidas diferentes, visando propiciar a autoformação com autonomia e autoria.

Ousamos ao definir e empregar a roda de conversa como um instrumento de produção de dados na pesquisa narrativa, estabelecendo um núcleo temático para cada edição das rodas, que congregaram três seções, que passaremos a descrever a seguir.

## **O NOSSO CAFÉ COM PROSA**

Nossos estudos versam sobre a docência superior e o conhecimento da experiência, objetivando saber como os professores bacharéis - os sujeitos de pesquisa - utilizavam os saberes experienciais para realizar a atividade docente, uma vez que, na maioria dos casos, esses professores não têm formação inicial direcionada à docência. Além das rodas de conversa, outro instrumento utilizado para propiciar os achados da pesquisa foi a entrevista narrativa, no sentido de integrar os dados obtidos. Dito isso, passamos a descrever como foi realizada a produção de dados especificamente nas rodas de conversa.

As rodas de conversa do nosso estudo ocorreram em três oportunidades. Cada uma delas foi guiada por uma-questão tema, cujo propósito era de suscitar o início do

diálogo e a troca de ideias. A partir desse questionamento inicial, os sujeitos foram convidados a conversar, a relatar e a trocar experiências. No desenvolvimento dos diálogos, confirmou-se, como Warschauer (2002, p. 47), que a roda de conversa “[...] é uma construção própria de cada grupo. [...] Constitui-se em um momento de diálogo, por excelência, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador [...]”.

Trata-se de uma técnica que remete às lições de Freire e de Shor, quando explicam:

O diálogo não é uma situação na qual podemos fazer tudo o que queremos. Isto é, ele tem limites e contradições que condicionam o que podemos fazer... Para alcançar os objetivos de transformação, o diálogo implica em responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina, objetivos (FREIRE; SHOR, 1987, p. 127).

Assim, para atingir as metas propostas na pesquisa, planejamos as rodas de conversas a partir de eixos temáticos. E, como foram três rodas de conversas, três eixos temáticos foram apresentados aos sujeitos por intermédio de questões-tema. Esses temas foram propostos na perspectiva, já mencionada, de que o diálogo pertence ao grupo, e não, ao pesquisador. Por esse motivo, a escolha do eixo temático do diálogo em cada roda não deve impedir que a conversa flua naturalmente. E como as escolhas são essenciais para garantir a discussão do problema da pesquisa, elas não podem impedir o diálogo (CAMPOS, 2000).

Nossas rodas de conversa foram direcionadas pelas seguintes questões-tema: 1ª - “Como deve ser o professor do ensino superior?”. O objetivo desse primeiro questionamento foi de saber qual a visão dos sujeitos da pesquisa sobre os requisitos necessários para aqueles que querem exercer a docência superior. 2ª - “Como soluciono as demandas da minha sala de aula considerando que a atividade docente, mesmo sendo imprescindível de planejamento, é evitada de ineditismo e improvisação?”. Os professores receberam um e-mail, em que lembrávamos que, para exercitar a docência, não há fórmulas mágicas, com garantia de êxito sempre, mas que o ensaio, com a possibilidade sempre presente do erro, ainda é o melhor meio de testar as técnicas em sala de aula, para facilitar a aprendizagem dos nossos alunos. Assim, pedimos que, antes da conversa, tentassem se lembrar de situações inusitadas e/ou surpreendentes que aconteceram durante o exercício da docência e que tentassem recuperar na memória como solucionaram o problema surgido e se voltaram a usar a solução em outras oportunidades. 3ª: Quais as contribuições que recebemos para nossa atuação em sala de aula? Como a prática nos ajuda a atuar na docência? Antecipadamente, enviamos um e-mail com o questionamento e a provocação para que lembrassem o que, no dia a dia da atividade docente, propiciava aprendizados que eram incorporados no fazer da sala de aula.

Muita coisa aconteceu antes e durante cada roda de conversa. O primeiro encontro para nossa conversa foi antecedido de um convite para um café com prosa, e os sujeitos da pesquisa foram convidados por meio de e-mail para um “bate-papo” acompanhado de cafezinho. A partir do convite, preparamos o que denominamos de ambiente de roda, porquanto os sujeitos precisavam se sentir à vontade para conversar, uma vez que não é normal o diálogo surgir entre desconhecidos. Ele começou a ser criado com o cenário da conversa. Preparamos uma mesa grande, com uma toalha branca simples, dessas que usamos em nossas mesas de jantar, colocamos as cadeiras dispostas, a fim de que todos se acomodassem e pudessem ver-se mutuamente. Servimos suco, café e petisco à vontade. Os interlocutores foram se acomodando, cumprimentando os que chegavam. Com sorrisos e

pequenos diálogos, esperavam os que estavam por chegar e ajudavam a criar um clima ameno e descontraído. Todos os nossos interlocutores, de uma maneira ou de outra, conheciam-se, mesmo pertencendo a áreas bastante diferentes, por trabalharem na mesma instituição de ensino superior, a qual promove reuniões semestrais entre todos os professores.

Nesse primeiro encontro, fizemos uma dinâmica de apresentação e explicamos a pesquisa e sua metodologia, inclusive a roda de conversa. Então, considerando que a conversação flui melhor quando os sujeitos se conhecem e percebem pontos em comum que propiciam a empatia, tentamos criar vínculos de confiança necessários para o diálogo. Para tanto, os professores começaram falando, um por vez, seu nome, o tempo de docência e a área em que lecionavam. Isso ajudou a criar o ambiente de roda - um cenário que propicia o diálogo. Pessoas que não se conhecem tendem a ficar tímidas em desvelar aspectos do vivido, mas a resposta à primeira provocação suscitou alguns momentos descontraídos, com falas que evocavam tempos lembrados e quebravam a sisudez da apresentação formal, em forma de perguntas e de respostas.

Conseguimos autorização para gravar nossa conversa. Então, o aparelho gravador foi colocado no centro da mesa e ligado. A partir de então, a conversa começou a se desenvolver. Inicialmente tímidos, como era de se esperar, os sujeitos esperavam sua vez de falar e, algumas vezes, até levantavam a mão como que pedindo autorização para intervir. Mas, aos poucos, a conversa começou a fluir com naturalidade, e as falas se intercruzavam na dinâmica própria da conversa em uma "desordem" equilibrada.

Eram nove interlocutores e a pesquisadora, mas, como a proposta era de uma conversa, inserimo-nos no contexto, não apenas para impulsionar o diálogo, mas também para participar ativamente dele. Assim, formamos um grupo de 10 "conversantes", e nossa conversa desenvolveu-se com tanta espontaneidade que, no final, quando foi necessário encerrar a roda, devido ao avançado da hora, lamentamos muito e já combinamos, com ansiedade, a próxima conversa. A segunda roda de conversa aconteceu alguns meses depois, porque era necessário que as entrevistas narrativas, com todos os sujeitos, ocorressem antes dela. A mesa foi posta, e quando os professores começaram a chegar, o sorriso largo foi retribuído com espontaneidade, e as amenidades foram objeto da conversa antes de começar o diálogo sobre a questão-tema proposta. Os professores foram convidados a refletir sobre o inusitado em sala de aula e sua atuação diante dessas situações. Os relatos permearam a conversa, que foi recheada de risos e comentários dos pares. Novamente, quando chegou o momento da despedida, o lamento foi geral.

A terceira e última roda de conversa aconteceu no mês seguinte à segunda, e a reflexão proposta girou em torno das influências que os docentes recebem no seu dia a dia profissional e acreditam ser importantes em seu fazer em sala de aula: seus alunos, a conversa com os pares na sala dos professores, a própria instituição de ensino. Os professores levaram vários casos já lembrados, em razão da provocação realizada antes, mas muitos relatos memorialísticos surgiram no momento em que algo era falado, e a memória era ativada. O falar do outro trazia à tona lembranças que não surgiriam se não fosse a construção coletiva que a roda de conversa permite.

Como referimos, foram três rodas de conversas, todas norteadas por um eixo próprio que tentava conduzir o diálogo para as respostas às questões norteadoras da pesquisa.

Conversar é interagir, “[...] implica um número relativamente restrito de participantes, cujos papéis não são predeterminados, que gozam, em princípio, dos mesmos direitos e deveres [...] e não têm outro objetivo explícito que não seja o prazer de conversar” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 13). Nesse sentido, percebemos que a

pesquisa em desenvolvimento é uma construção coletiva, a partir do diálogo com os sujeitos - professores do ensino superior - que, ao se disporem a participar dela já demonstravam interesse em conversar sobre sua docência e partilhar suas experiências.

## **ANÁLISE DAS RODAS DE CONVERSA**

No final de cada roda de conversa, registramos as impressões. Transcrevemos tudo o que foi falado, um trabalho demorado, mas necessário para a organização dos eixos de análise.

Para proceder à interpretação dos dados, primeiramente, eles passaram por várias sessões de leitura e de releitura, para que os compreendêssemos bem mais e seguíssemos para a etapa de organização e categorização. Na sequência, como última etapa, empreendemos a análise interpretativo-crítica dos achados mais relevantes para compreender o objeto de estudo.

Tomando a alegoria de Jesus (2003) como suporte, buscamos garimpar, entre cascalhos e resíduos, os metais e as pedras preciosas. Assim, peneirando as narrativas memorialísticas de nossos interlocutores, “[...] algumas lembranças, cenas, fatos, vão cintilando, vão se destacando” (JESUS, 2003, p. 24).

Na roda de conversa, não buscamos somente os dados advindos da memória coletiva, mas também as memórias individuais. Os sujeitos da nossa pesquisa pertenciam a áreas distintas do conhecimento, mas havia algo que os unia - todos eles eram professores bacharéis, docentes do ensino superior. Então, podíamos perceber aquilo que era de pertença do grupo e aquilo que era próprio de cada sujeito. Também compreendemos que a “[...] a memória não se restringe apenas ao fato vivido, mas também àquilo que poderia ter acontecido, ou seja, pode ser tomada como uma forma de resistência a um passado que não se desenrolou como o desejado” (GUEDES-PINTO; SILVA; GOMES, 2008, p. 18). As rodas de conversas caracterizavam-se como rememorações do vivido, mas, para analisar os dados, precisamos compreender que a memória pode e deve ser apreendida como possibilidade, e não, como algo pronto, estático, acabado.

## **FIM DE CONVERSA**

Sentar ao redor da mesa, tomar uma xícara de café e conversar... Simples assim. A compreensão de que a narrativa memorialística é rica em dados nos levou a encontrar, no diálogo e na conversa dos sujeitos da pesquisa, um instrumento de produção de dados rico e profícuo. A conversa despertou a memória, conduziu à discussão e permitiu a reflexão. Lembranças boas e outras pouco prazerosas foram compartilhadas e discutidas. A partilha despertou interesse e fez nascerem vínculos de confiança que levaram à reflexão. A conversa fluiu.

A roda de conversa e sua idiosincrasia conduziram a pesquisa e tornaram possível a compreensão de dados que, talvez, não viessem à tona se não fossem despertados pelo interesse no diálogo e na partilha. Assim, a roda de conversa se firma como um instrumento de produção de dados da pesquisa narrativa, em que é possível haver uma ressonância coletiva, na medida em que se criam espaços de diálogo e de reflexão.

## **ABSTRACT**

The present study seeks to discuss the Conversation Circle as a possible instrument in the production of data for narrative research, considering that this type of

investigative approach strives to comprehend the meaning which the social group attribute to the phenomenon studied. The conversation is a space for formation, for the exchange of experiences, for fellowship, for letting go of stress, for changes in direction, for shaping opinions, reasons for which the Conversation Circle comes on the scene as a form of reliving the satisfaction of the exchange and the production of data rich in content and meaning for research in the area of education. In the context of the Conversation Circle, dialogue is a singular moment of sharing, since it presupposes an exercise of listening and speech. The considerations of each participant are built up from the interaction with others, whether to complement, disagree or agree with the immediately preceding speech. To converse, on this understanding, leads to a deeper understanding, a deeper reflection, just as ponderation, in the sense of enhanced perception, in regard to frank sharing. Thus, the present work discusses the Conversation Circle, its' proposal, the manner of its execution and its data analysis. Authors such as Warschauer (2001; 2002; 2004), Freire e Shor (1987), Campos (2000), and others, constitute the theoretical support base of the work. In this way, the research concludes that the Conversation Circle, as an instrument for the production of data whose prime material is the memory stimulated by conversation with peers, can favourably apportion scientific findings.

**Keywords:** Education, Conversation Circle, Research Methodology

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. Construindo histórias de vida para compreender a educação e a profissão docente no estado do Rio Grande do Sul. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 13-33.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CAMPOS, G. W. S. **Um método para análise e cogestão de coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda**. São Paulo: HUCITEC, 2000.
- COUTO, M. **Estórias abensonhadas**. Lisboa: Caminho, 2009.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.
- GUEDES-PINTO, A. L.; SILVA, L. C. B. da; GOMES, G. G. **Memórias de leituras e formação de professores**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.
- JESUS, R. F. Sobre alguns caminhos trilhados... ou mares navegados... Hoje, sou professora. In: VASCONCELOS, G. A. N. (Org.). **Como me fiz professora**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 21-42.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola, 2006.



MARTINS, J. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989. p. 47-58.

OLIVEIRA, I. B.; GERALDI, J. W. Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. \_\_\_\_\_. (Org.) **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis: DP&A, 2010. p.

SANTAMARINA, C.; MARINAS, J. M. Histórias de vida e história oral. In: DELGADO, Juan M.; GUTIÉRREZ, Juan (Org.). **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madri: Síntesis, 1995. p. 259-287.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, aluno e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação**. 2004. Disponível em: <[http://www.rodaeregistro.com.br/pdf/textos\\_publicados\\_3\\_rodas\\_e\\_narrativas\\_caminhos\\_para\\_a\\_autoria.pdf](http://www.rodaeregistro.com.br/pdf/textos_publicados_3_rodas_e_narrativas_caminhos_para_a_autoria.pdf)>. Acesso em: 4. jan. 2014.